

"Vittorio Breheret".

Nascido numa pequena localidade não distante de Roma, filho de Augusto Breheret e Paolina Nanni, esta última falecida quando o pequeno Vittorio tinha apenas seis anos de idade. Foi abrigado pela família do tio materno, Enrico Nanni, e com sua família emigrou para o Brasil ainda na infância.

No Brasil, tornou-se "Victor Brecheret" e já com mais de trinta anos de idade recorreu à Justiça para inscrever seu registro nascimento tardiamente no Registro Civil do Jardim América (município de São Paulo). Assim Brecheret consolidava a sua nacionalidade brasileira, embora tivesse nascido na Itália. Este tipo de "regularização" era muito comum entre imigrantes italianos na primeira metade do século XX no Brasil.

O escultor Victor Brecheret tem um papel diferenciado e fundamental no Modernismo Brasileiro: junto com Anita Malfatti e Lasar Segall, é figura importante do período 'heroico', constituindo os antecedentes da Semana de 22, que se caracterizam pelos acontecimentos mais importantes na formação inicial do grupo modernista. Além disso, se destaca nos anos 20 e 30 como artista da escola de Paris e nas décadas de 40 e 50 no cenário artístico de São Paulo, com monumentos públicos, funerários e decorativos de fachadas, como o 'Monumento às Bandeiras', hoje um dos símbolos da cidade.

Diferente dos artistas do nosso modernismo, Brecheret é de origem humilde. Imigrante italiano, órfão de mãe, vem a São Paulo com seus tios maternos. Trabalha em uma loja de calçados durante o dia e, à noite, faz cursos no Liceu de Artes e Ofícios. Com economias, em 1913 seus tios o mandam para Roma, mas dada a sua falta de formação, não é aceito na Academia de Belas Artes. Entretanto, é recebido como discípulo de Arturo Dazzi, o mais famoso escultor italiano do momento, aprendendo com este as técnicas da modelagem, além de conhecimento de anatomia.

Nesta época, recebe grande influência do escultor sérvio Ivan Mestrovic quanto à expressividade, tensão, alongamento e torções das figuras. De 1916 a 1919 participa com destaque em mostras coletivas em Roma.

Em 20 retorna a São Paulo e é descoberto pelos jovens modernistas que extasiados diante de suas esculturas, o convertem em elemento polarizador do grupo. De fato, o artista e sua obra inspiram personagens de romances de Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia. Ainda traduz para escultura os poemas de Guilherme de Almeida e Menotti. A sua escultura 'Cristo de Trancinhas', adquirida por Mario de Andrade, é o elemento desencadeador dos seus primeiros versos modernistas de "Paulicéia Desvairada". Celebrado como um gênio e influenciado pelo espírito nativista do grupo, realiza a primeira maquete do 'Monumento as Bandeiras'.

Em 1921, com uma bolsa de estudos de cinco anos, vai a Paris. Esta estadia se estende por quase quinze anos, com vindas esporádicas ao Brasil para expor seus trabalhos. Em Paris participa de vários salões, convivendo intensamente com artistas como Fernand Léger, Picasso, Archipenko, além de brasileiros como Anita, Tarsila do Amaral, Vicente do Rego Monteiro e Antônio Gomide - seu vizinho de ateliê. Como a maioria dos artistas da Escola de Paris, Brecheret está sensível à emergência do Art Déco que marcou a visualidade a partir de 1925 - com a Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais Modernas. Alinhado a esta arte de vanguarda, modifica sua escultura, adotando formas geometrizadas, lisas e luminosas, sendo bastante elogiado pela crítica. Torna-se um importante artista da Escola de Paris, tendo recebido o título de cavaleiro da legião de honra, e sua obra, 'Grupo', de 1932, é adquirida pelo Museu Jeu de Paume - obra que irá desaparecer durante a Segunda Guerra.

Nos anos 30, participa intensamente da vida artística no Brasil, como sócio-fundador do SPAM - Sociedade Pró Arte Moderna e nos Salões de Maio (37, 38 e 39), quando já havia voltado definitivamente para São Paulo para realizar o 'Monumento às Bandeiras'. Na década de 40, ganha o concurso de outro monumento público, em homenagem à Duque de Caxias. Nesta época introduz elementos brasileiros em sua obra, interessado na arte indígena. As peças escultóricas aproximam-se da abstração, formas essenciais, primitivas, com um torneado rústico, caracterizando a fase de maturidade do artista - esculturas quase abstratas em suas deformações e encadeamento orgânico de

volumes. Foi consagrado o melhor escultor nacional na I Bienal de São Paulo, em 51 e, após a sua morte em 55, a IV Bienal dedicou-lhe sala especial.

Críticas

"O comentário único admissível ante tais obras é um silêncio devoto, um silêncio religioso que traduza a confissão tácita de que estamos em face de alguma coisa que transcende do nosso círculo de percepções habituais. Esse estado de alma reproduz-se sempre (em quem tem alma, está claro) pela ação da música, quando é Beethoven que nos penetra de sons o íntimo da substância, pela ação da pintura, quando faz a mão do gênio, pela ação do verso, quando o cantam os sumos poetas, pela ação da escultura, quando emprestou vida à pedra um desses raros plasmadores da vida marmórea. Pois bem: se Eva de Brecheret transfunde-nos tal estado de alma, não é preciso dizer mais. Isso sagra-o. Isso sagra-o. E isso cobre de vergonha a nossa petulante Cartago, a este São Paulo que repudia de seu seio um artista destes, exila-o, esfameia-o para em seguida meter no bolso dum grileiro de gênio centenas de contos em troca de um presepe de pedra e bronze, cheio de leões, panteras, bugres, cavalos de Tróia, girafas, jacarés, etc. Monumentos falsíssimo uma vez que esqueceu os camelos pagantes e como coroamento de tudo, na cúspide, o pé de cabra onipotente, onipresente, onisciente, onicavante".

Monteiro Lobato

"Mas Brecheret para mim tem mais que o simples fulgor volátil da juventude. No trato continuado em que o pude observar e admirar, arraigou-se-me profundo e forte no espírito a convicção de que o moço escultor é uma personalidade característica, a profecia mais genial que o país teve até hoje na escultura, à qual unicamente falta contemplação mais ponderada das grandes obras de arte do nosso tempo e espírito mais afeiçoado ao raciocínio estético para produzir a obra-prima integral, que o Brasil ainda não tem para concorrer ao comércio artístico do mundo e que dele espera com fervor.

Ele é, disto tenho absoluta certeza, um espírito que tende a se tornar independente, uma personalidade que se inclina a singularizar-se. É uma das suas qualidades mais notáveis. Pois bem: em vez de formar um tipo escultórico baseado nas correntes tradicionais assírias ou egípcias, em vez de estilizar no mármore ou no bronze as características físicas dum nórdico, segundo Carlos Milles, ou dum eslovaco segundo Mestrovic - tendências que o internacionalizariam em vez de o nacionalizar - estude os tipos dos nossos índios, tipos não desprovidos de beleza, estilise-os, unifique-os num tipo único, original e terá adquirido assim a maior das suas qualidades".

Mario de Andrade

FONTE: www.escritoriodearte.com e www.mac.usp.br

